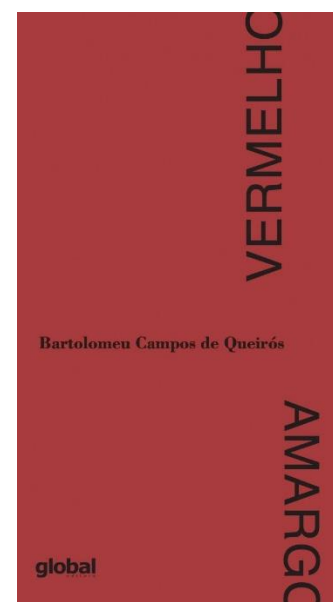


Vermelho amargo

Nilma Lacerda

Ainda que muito se discuta sobre as implicações autobiográficas de uma obra, há certas criações que não costumam deixar margem à dúvida. Bartolomeu Campos de Queirós oferta “de bandeja o que a família tanto se esforçou por esconder”,¹ acusação feita por uma das irmãs, narrada pelo autor em certa conversa literária. Para que a literatura senão para falar da perplexidade, das perdas evitáveis e inevitáveis com que a vida contempla o humano? Autor de rara competência para dizer o encantamento e o desamparo da infância, Bartolomeu falava sobretudo às professoras, primeiras leitoras das obras que levavam para suas turmas. Também para elas o merecido consolo.

Se já se pode suspeitar em *O peixe e o pássaro* (1971)² e em *Pedro* (1973)³ da via a conduzir a Antônio, protagonista de *Indez* (1989),⁴ *alter ego* do autor, obras seguintes atestarão o viés da vida que se expõe em arte, pelo caminho das palavras. *Vermelho amargo*, uma das últimas obras a ser publicada em vida do autor, e que recebeu após sua morte, dentre outros, o Prêmio São Paulo de Literatura 2012 na categoria Melhor Livro do Ano, evidencia as perdas vitais do narrador, em que a morte da mãe mostra-se como espécie de catapulta para a perda do pai, omissão em face do ódio da madrasta, e da fraternidade, desfeita pela partida gradativa dos irmãos. A confissão inicial – “Foi preciso deitar o vermelho sobre papel branco para bem aliviar seu amargor” – demarca o caráter



QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Vermelho amargo**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

73

¹ O texto assinalado não foi publicado.

² QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *O peixe e o pássaro*. Fotos de Haroldo Carneiro. 2. ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1980.

³ _____. *Pedro; o menino que tinha o coração cheio de domingo*. Ilustrações de Sara Ávila de Oliveira. 4. ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1987.

⁴ _____. *Indez*. 4. ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1994

purgativo do ato da escrita, “reflexão sobre o que está presente na minha memória e que não consegui esquecer”.

O tomate, feito de acidez e água, ativa pela simbologia da cor a vida que se esvai, fina e transparente. A narrativa, autêntico poema em prosa, estrutura-se entre o eixo da figura materna e o da madrasta. Se, nas mãos de uma, a roupa fica limpa pela força de expulsar o sujo, nas mãos da outra, as espumas de sabão remeteriam aos suspiros assados em fogo brando. A distinção é feita pelo homem, recuperando o menino, no empenho de arrumar a memória e legendar o mundo, tarefa de toda pessoa que escreve para além das necessárias razões. O autor trata o tempo como um fluxo manipulável, peças embaralhadas que se arrumam no mosaico narrativo. Mosaico cuja função é confirmar a perda do paraíso, as rupturas inusitadas e solitárias dos irmãos e das irmãs, em destinos de afastamento do afeto e da felicidade.

O projeto gráfico da Cosac Naify, mantido com pequenas modificações nas edições seguintes, é um divisor de águas no tratamento das obras do autor. A capa dura, em tom de vermelho escuro, tem letras esbatidas; o miolo é em papel Kraft, com destaque para as letras bordô; mancha e entrelinha confortáveis, com espaçamento entre os blocos de texto. Não há qualquer ilustração. É evidente um claro investimento editorial em um leitor que terá crescido e amadurecido lendo o autor, ou na leitora que escolhia os livros para os alunos, e agora o fará para si mesma. Traduz-se a sintonia entre texto e o objeto que o contém, no projeto de um livro que adultos também podem ler.

REFERÊNCIAS

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Indez**. 4. ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1994.

_____. **O peixe e o pássaro**. Fotos de Haroldo Carneiro. 2. ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1980.

_____. **Pedro: o menino que tinha o coração cheio de domingo**. Ilustrações de Sara Ávila de Oliveira. 4. ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1987.

LACERDA, N.

_____. **Vermelho amargo**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

SOBRE A AUTORA:

Nilma Lacerda é Autora de Manual de tapeçaria, Pena de ganso, Viver é feito à mão / Viver é risco em vermelho, Estrela de rabo e mais histórias, entre outros. Organizou, com Margareth Mattos, Esses livros sem idade. Recebeu os prêmios Jabuti, Rio, Brasília de Literatura Infantojuvenil, entre outros. Doutora em Letras, é professora colaboradora da Universidade Federal Fluminense (UFF).